

APRESENTAÇÃO

“O mundo em um pedaço de papel”. Esta frase, cuja autoria nos é desconhecida, reproduz de forma singela o resultado da cartografia. Desde os primórdios da humanidade, a necessidade de conhecer o território vem sendo percebida e praticada. O que antes era conhecimento acumulado na memória de um indivíduo passou para o registro gráfico. Ao longo dos séculos, este registro mudou, de simples traços numa parede rochosa, para representações precisas, em escala, com uma linguagem de símbolos, linhas e cores, que podem ser de fácil compreensão, ou complexas, se para aplicações muito específicas.

Sempre estivemos associados, de alguma forma, à cartografia. Não saímos de casa sem que tenhamos, mentalmente, o nosso roteiro. A estratégia do deslocamento, ocupação ou atividade econômica é fundamental para o sucesso de um objetivo, por mais simples que seja, e isso só é possível conhecendo o território. Quando não conhecemos o território, nos valemos de mapas. Hoje, estes cabem, literalmente, em nossas mãos, em formato digital, em pequenos aparelhos de telefonia móvel. Todo esse avanço é justificado pelo fato de que precisamos saber onde estamos e o que está a nossa volta. Mas para chegar ao que temos hoje, muito história aconteceu. Técnicas e ciências convergiram para a obtenção e tratamento de dados, assim como para a construção de mapas. A cartografia tem tal importância que políticas de Estado foram feitas com bases em cartografia oficial, e economias avançam com a aplicação de seus produtos.

A cartografia tem suas histórias e a história também é contada pela cartografia, e no momento em que é comemorado o Ano Internacional do Mapa pela Associação Cartográfica Internacional, a revista *Acervo* apresenta este dossiê com trabalhos que analisam mapas, documentos escritos que tratam da formação de território, do esforço para mapear o país, da transformação do espaço.

Mirela Altic apresenta um trabalho original com base em diários e desenhos de campo dos croatas Mirko e Stjepan Seljan que, a convite oficial, mapearam parte dos estados de Mato Grosso e Paraná entre 1903 e 1905.

A capitania de Minas Gerais aparece sob a pena de Márcia Maria Duarte dos Santos e Antônio Gilberto Costa, que analisam a “Carta Geographica de Minas Geraes, e Partes Confinantes”, de 1767, no tocante à sua construção e contexto político, com atenção aos limites então estabelecidos para a capitania.

Ainda em Minas Gerais, Antônio Gilberto Costa escreve sobre os caminhos para as minas de ouro e os registros, cuja finalidade era fiscalizar a cobrança do quinto.

O território da capitania do Rio de Janeiro é analisado por Jorge Pimentel Cintra, que mostra a complexidade em apresentar uma resposta cartográfica que retrate a capitania no início de sua formação.

Francisco José Corrêa-Martins disserta sobre o Plano de Defesa do Rio de Janeiro de 1714, com foco em algumas construções projetadas: o muro defensivo nunca concluído e a fortaleza da Conceição, e o conflito e união desta última com o palácio episcopal.

A penetração portuguesa na Amazônia é marcada pelas fortificações construídas, algumas delas estudadas por Graciete Guerra da Costa.

A Comissão da Carta Geral do Brasil é o tema de Maria Gabriela Bernardino e Sergio Nunes Pereira, comissão organizada pelo Estado-Maior do Exército com o objetivo de confeccionar o mapa nacional.

Carlos Eugênio Líbano Soares aborda as mudanças da zona portuária da cidade do Rio de Janeiro a partir do cais do Valongo, do ponto de vista da geografia histórica, analisando mapas dos séculos XVIII e XIX.

A bibliotecária e historiadora Maria Dulce de Faria é a entrevistada e conta um pouco da sua trajetória acadêmica, a convivência com Isa Adonias e sua experiência à frente da Divisão de Cartografia da Biblioteca Nacional.

Na seção Documento, com base no fundo Comissão Construtora da Avenida Central, do Arquivo Nacional, um estudo sobre o edifício do Iphan-RJ, antiga sede da Companhia Docas de Santos, da historiadora Veronica Castanheira Machado.

Com este dossiê, mais uma vez a cartografia marca sua presença no mundo acadêmico, com a pretensão de contribuir para o mapeamento da sua área, seu espaço, sentidos e direções.

JOSÉ LUIZ DE FARIA SANTOS E PAULO MÁRCIO LEAL DE MENEZES